

Festival Literário da Madeira: hoje é dia de liberdade

“Caso determinada perspectiva sobre a liberdade de expressão prevaleça, as minhas filhas deixam de comer”

ENTREVISTA

Susana de Figueiredo
susanafigueiredo@jm-madeira.pt

O humorista português Ricardo Araújo Pereira e o jornalista britânico Mick Hume abrem hoje o 8.º Festival Literário da Madeira. A conversa, que terá lugar no Teatro Baltazar Dias, a partir das 19h00, far-se-á em torno da liberdade de expressão, com as palavras de Salman Rushdie a servirem de mote: “O que é a liberdade de expressão? Sem liberdade para ofender, cessa de existir”. Ontem, acabado de chegar à Região, e em jeito de antecipação do encontro desta tarde, Araújo Pereira falou com o JM sobre a liberdade de pensar, dizer e ofender.

“Estamos na altura das lapa?” Foi desta forma que começou a conversa com Ricardo Araújo Pereira, no Pestana Casino Hotel, pouco tempo após a sua chegada ilha. Ia preparada para uma conversa rápida, que não interferisse em demasia com a agenda exigente do certame, mas o humorista acomodou-se no sofá e percebemos que o tempo estava do nosso lado. O diálogo correu em liberdade, foi longo, mas sabíamos que saberia sempre a pouco.

Vem ao Festival Literário da Madeira debater um tema que lhe é particularmente caro: a liberdade de expressão. E dividirá o palco com o jornalista britânico Mick Hume, cujo livro ‘Direito a ofender – A liberdade de expressão e o politicamente correto’, foi editado em Portugal por sugestão do Ricardo Araújo Pereira à sua editora. Ou seja, quando leu esta obra, identificou-se com o pensamento de Hume.

É verdade, houve logo essa empatia. E, de facto, o tema é-me muito caro, sim, porque, caso determinada perspectiva sobre a liberdade de expressão prevaleça, as minhas filhas deixam de comer. E isso aborrece-me.

Que perspectiva é essa? A perda do direito a ofender de que fala Mick Hume?

Exato. Hoje, há uma perspectiva de acordo com a qual nós só podemos dizer coisas, desde que estas não ofendam ninguém, o que é preocupante, pois a minha experiência diz-me que quase não há declarações que não ofendam ninguém. É legítimo que as pessoas se ofendam, o que não é legítimo é que, por se ofen-

“

As pessoas querem é ouvir o Mick, a mim estão fartas de me ouvir. Eu vou lá, basicamente, para fazê-lo falar, e para enfeitar.

derem, obriguem os outros a calar-se.

O direito a ofender é, então, indissociável do direito à liberdade de expressão, numa sociedade dita livre?

Um dos preços que temos de pagar por vivermos numa sociedade aberta e livre é precisamente termos de ouvir, de vez em quando, coisas de que não gostamos. E esta é, por vezes, a única maneira de podermos dizer coisas de que outros não vão gostar. Se surge uma ideia que eu considero inaceitável, nociva, prefiro rebatê-la do que calá-la. Acho prejudicial calar uma ideia, por várias razões: primeiro porque isso facilita-nos o trabalho, e o nosso trabalho não deve ser facilitado; e depois porque devemos de ter a preocupação de saber porque é que defendemos determinadas ideias e ir à luta com as nossas ideias, fazendo-as embater com

as ideias dos outros.

Por exemplo, a terra é plana. Porque é que havemos de calar quem diz que a terra é plana. Não se trata de um dogma, mas se calamos quem o defende, de repente torna-se um dogma, e quando uma ideia se torna um dogma deixamos de saber defendê-la.

E é isso que é nocivo.

É. E até dá ao adversário uma vantagem: o poder de se reclamar mártir da liberdade de expressão.

Numa sociedade que se expressa livremente, uma ideia errada acaba por sair derrotada?

Normalmente as ideias erradas não se aguentam. O José António Saraiva escreveu uma crónica em que diz que se ele mandasse não existiriam transexuais, e, perante isto, a Comissão para a Igualdade, que é um organismo do Estado, apresentou queixa judicial. Ora, eu acho que não deveria tê-lo feito, porque ele está errado, é um facto, mas não deve ser calado. E, lá está, a questão foi a debate e ele perdeu a discussão. A sociedade permite, e bem, que os transexuais resolvam o drama aflitivo em que se encontram.

Mas, hoje, tendemos a pensar duas ou mais vezes se as nossas palavras vão ou não ferir susceptibilidades. Temos medo de sair feridos deste embate...

Ainda bem que toca nessa questão, no medo, que é, de facto, uma realidade. Uma coisa é discordarmos, e se não concordarmos, podemos discutir, argumentar. Agora, quando digo: “o senhor é machista, é homofóbico, é racista, portanto, cale-se!”, a discussão acaba. Acho isso perigoso. Prefiro a discussão.

Mas talvez haja ideias que nem sequer mereçam ser discutidas, de tão absurdas.

Não sei... Imagine que alguém defende uma coisa absurda, como por exemplo que a escravatura devia voltar. Será que devemos discutir com uma pessoa destas? Talvez não, mas a minha profissão dá-me um privilégio: não preciso de fazê-lo, basta-me fazer pouco dela.

Será o discurso humorístico o mais livre dos discursos?

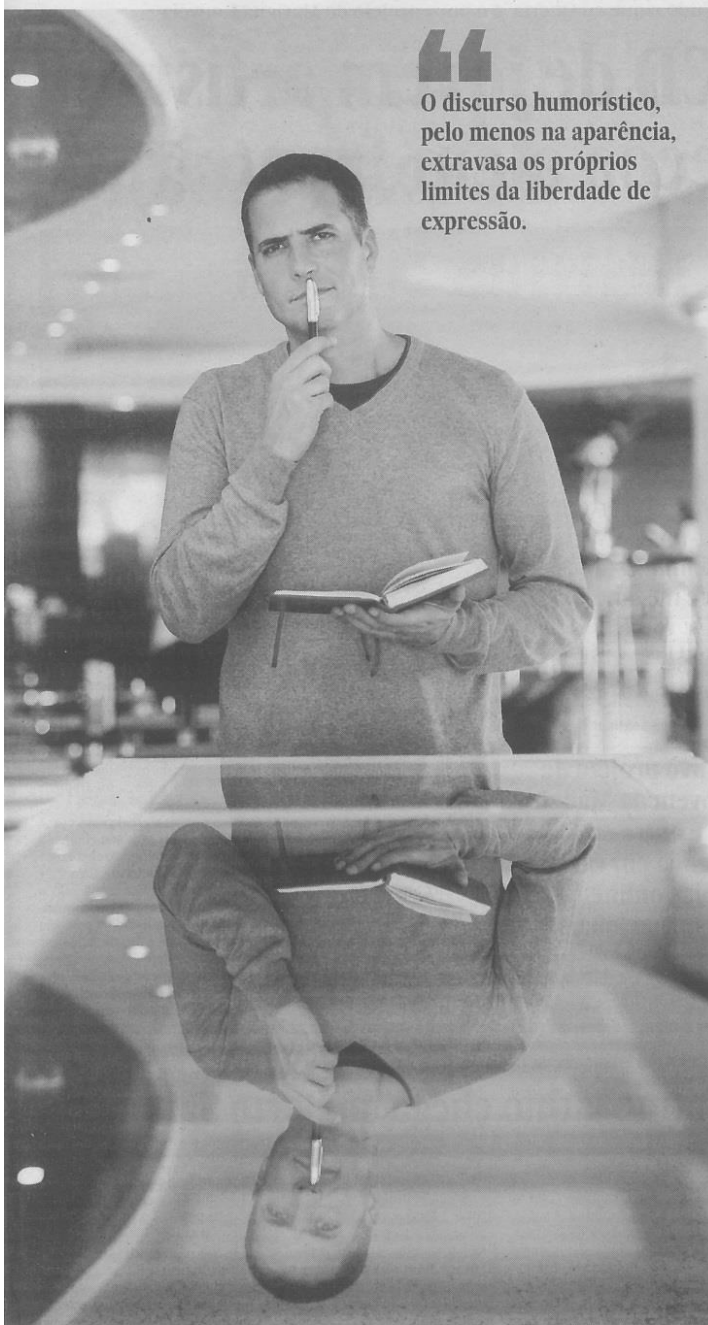
Num certo sentido, é, porque o discurso humorístico, pelo menos na aparência, extravasa os próprios limites da liberdade de expressão.

De que forma?

Numa sociedade como a nossa, tradicionalmente, os limites têm sido os seguintes: quando alguém diz uma coisa que causa um dano evidente e imediato, não permitimos que esse alguém a diga. Há certas coisas que a nossa sociedade considera que não podem ser ditas. Ora, no âmbito do discurso humorístico, algumas dessas coisas podem dizer-se. Por exemplo, eu já disse na televisão: “o cigano é um povo que é, todo ele, para ir à vida”. É óbvio que eu nunca poderia dizer isso a sério, o que eu fiz foi imitar um tipo de discurso e fazer pouco desse mesmo discurso.

E deve haver liberdade para tal.

Claro, isso deve ser permitido. O problema, hoje, é a inclinação que as pessoas têm para ser literais, para atribuir às palavras apenas um significado, sem que o contexto importe, interpretam-nas de acordo com o seu interesse, o que me parece ser um entendimento infantil da linguagem, mas



“
O discurso humorístico,
pelo menos na aparência,
extravasa os próprios
limites da liberdade de
expressão.

FOTO: JOANA BOURGA

é esse o entendimento comum nas redes sociais.

Dou-lhe um exemplo: O Rui Maria Pêgo declarou nas redes sociais que gostava de meninos em vez de gostar de meninas. A reação foi logo "pronto, é pedofilia!", quando é óbvio que ele não estava a referir-se a meninos menores de idade.

Essa ilação não será mais do que uma não percepção do contexto, um ato malicioso?

Poderá ser. E sendo-se malicioso a esse ponto, de facto, há muito pouca coisa que pode ser dita.

"Palavra que prendê, palavra que liberta". A palavra aprisiona mais do que liberta?

Não quero precipitar-me a dizer isso. Há muita gente que vai assinalando que uma interpretação literal das palavras não é a adequada. Eu sou um grande fã das palavras, acredito que é discutindo que nos entendemos. Quem parece não ser grande fã das palavras é quem está do outro lado.

Quem defende o silêncio, achando que este protege?

Pois... Repare, o Gentil Martins disse recentemente: "Quando um doente entra no meu gabinete eu trato-o como qualquer outro doente, mas acho que a homossexualidade é uma anomalia". As pessoas acham que se ele for proibido de dizer aquilo deixa de pensar aquilo, o que não é verdade. Continuará a pensar dessa forma, só que nós não saberemos.

E isso não nos protege, bem pelo contrário. Interfere até com a nossa própria liberdade...

Exatamente. O que está em causa quando mandamos calar uma pessoa não é só o direito de essa pessoa falar, é o nosso direito de a ouvirmos para podermos emitir uma opinião sobre ela. Depois de ouvir Gentil Martins, talvez não me sinta confortável como paciente dele, mas só o sei porque ele falou.

"Reaccionário com dois cês", é este o título do seu mais recente livro. Um reaccionário com dois cês é ainda mais reaccionário?

[Riso]. O que é curioso é que eu consigo, neste momento, passar por reaccionário não tendo mudado nenhuma das minhas posições fundamentais, como o direito das mulheres ao aborto, o direito dos casais do mesmo sexo ao casamento e à adoção de crianças. A única diferença é que eu não compro o 'pacote completo', pois acho que as pessoas que não pensam como eu, e até defendem coi-

sas que considero nocivas, não devem calar-se.

As suas convicções são fortes. Não o imagino a mudar de opinião...

Pois, não me parece. Nem em relação a estes temas nem em relação à liberdade de expressão. Há assuntos sagrados para toda a gente. Para uns são as ondas do mar, para outros é Jesus Cristo.

Não há, então, territórios vedados?

Creio que não pode haver. Podemos fazer essa experiência, fazendo uma sondagem ao nível nacional perguntando às pessoas quais são os temas proibidos.

Eu vou dizer que é o Benfica, você vai dizer que é a Madeira, outros que é Presidente da República... Cada um dirá um até não sobrar nada.

Mick Hume afirma que a liberdade de expressão está em risco nas sociedades ocidentais. Concorda?

Não sei, mas há um conjunto de pessoas, bastante vocais, que quer limitá-la, isso parece-me evidente.

No palco do Teatro Baltazar Dias estarão dois homens da comunicação que convergem no pensamento sobre a liberdade e o 'politicamente correcto'. Como antevê esta conversa?

É curioso sermos os dois de esquerda. Ele define-se como um marxista libertário, um rótulo que eu não desdenho.

Quanto à conversa, as pessoas querem é ouvir o Mick, a mim estão fartas de me ouvir. Eu vou lá, basicamente, para fazê-lo falar, e para enfeitar.

Mas trata-se de um assunto sério...

É um tema que importa discutir, enquanto podemos.

E espero que o público nos faça muitas perguntas no final.

Não conhecia Hume pessoalmente?

Não, vi-o hoje [segunda-feira] pela primeira vez. Adorei-o! Disse-me que veio cá pelo marisco [eu vim pelas lapas]. Vou encher-lhe o bandulho de lapas e poncha. Temo pela qualidade do discurso no palco...

Nunca se sente cansado do humor?

Não. É quase uma segunda natureza, é a minha profissão e eu gosto dela, deu-me muitas coisas boas e põe-me a comida na mesa, o que é ótimo [riso]. JM